

CANUDOS E CALDEIRÃO: MISSÕES ABREVIADAS

Lemuel Rodrigues da Silva*

O discurso da salvação, a construção do paraíso terrestre, a existência das irmandades, a presença de conselheiros, beatos e cangaceiros, personagens dos sertões do Nordeste brasileiro no final do século XIX e primeira metade do século XX envolvidos em movimentos sócio-religiosos que marcaram profundamente as relações entre a Igreja, o Estado e o povo: estamos diante dos herdeiros da colonização portuguesa e do projeto de catequização da Igreja Católica no Brasil.

Canudos e Caldeirão são exemplos de manifestações que contrariam todo um projeto de reformulação proposto pelo Vaticano para o Brasil. Os episódios da Bahia e do Ceará são demonstrações da força do “cristianismo moreno” existente no país desde o Período Colonial. Como afirma Hoornaert (1990: 18), “o cristianismo nem branco nem preto, nem ocidental nem ameríndio nem africano, o cristianismo mestiço que se manifesta no dia-a-dia da vida neste país”. Neste trecho o autor expõe o princípio norteador da existência de duas comunidades marcadas por tragédias anunciadas. Partindo da idéia de uma religião mestiça, vivenciada no cotidiano do povo, através de suas crenças, costumes e devoções, é que iremos entender o deslocamento de centenas de famílias oriundas de várias partes do Nordeste em direção a Canudos, na Bahia, e Caldeirão, no Ceará.

Os dois movimentos estão inseridos num contexto de transformações sociais, políticas e econômicas que se iniciaram antes da implantação da República. Dessa forma, segundo Monteiro (1985: 42), “esses fenômenos ligam-se com o que tem sido caracterizado como uma crise no mandonismo tradicional e, mais especificamente, com a emergência do coronelismo”.

Ainda sobre o processo de colonização e catequização dos sertões do Nordeste, encontramos duas figuras que se assemelham pela presença constante na região e pela

* Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Doutor.

herança deixada. A primeira é representada pelo gado, que avançou sem cerimônia pelas terras indígenas, garantindo aos conquistadores o espaço necessário para ampliar suas riquezas e consolidar sua conquista. Dessa maneira, o gado tornou-se o grande invasor do sertão e, com ele, os colonos, que passaram a habitar as terras outrora ocupadas por grupos indígenas – mesmo que esse processo de habitação tenha algumas características diferenciadas da existente na região litorânea, como por exemplo seu caráter nômade.

A segunda figura que destacamos são os missionários itinerantes, que através das Santas Missões percorreram os sertões, convivendo com a realidade sertaneja. Jesuítas, carmelitas, franciscanos, oratorianos, capuchinhos, dentre outros, atuaram junto às famílias que até então recebiam as visitas dos párocos periodicamente, quando da ‘desobriga, o que ocorria normalmente em períodos festivos.

Diferente das Missões Volantes e de Aldeamento, que foram marcantes nos primeiros séculos da colonização e atuaram com o propósito de catequizar as tribos indígenas do litoral e dos sertões, as Santas Missões, ou Missões Populares, do século XIX foram criadas no contexto histórico da romanização em que vivia a Igreja Católica e pretendiam, dentre os vários objetivos, transmitir a prática sacramental e fortalecer o vínculo entre os fiéis e a hierarquia eclesiástica.

O trabalho pastoral desses missionários marcou para sempre a vida dos sertanejos, já que suas ações iam ao encontro dos anseios das populações que viviam à margem do Estado e da Igreja. A identificação dos missionários com a vida simples do povo sertanejo criou condições para que houvesse uma maior confiança entre o povo e o clero, o que fortaleceu os laços com a Igreja. Os missionários eram verdadeiros peregrinos, percorriam as cidades e os sítios a pé, participavam de mutirões para construções de capelas e cemitérios e reformas de igrejas, levavam uma vida tal qual a dos sertanejos: pobres de bens materiais, porém de grande espiritualidade. Essa vida nômade e simples dos missionários aproximou-os do povo e fortaleceu a fé num cristianismo mais semelhante com a realidade vivida por eles, sustentado no trabalho e na devoção. Aproximar-se de Deus e manter-se longe dos pecados: essa era a fórmula ideal para se viver bem. Percebemos, deste modo, que as ações religiosas e sociais dos padres eram marcadas pelo caráter penitencial. Sendo assim, “a primeira intenção das

Santas Missões é suscitar o sentimento de pecado e penitência entre os que delas participam” (HOORNAERT, 1990: 51).

O caráter social das Santas Missões foi tão edificante quanto o religioso, não apenas por ter unido o povo em torno de uma proposta de catequização, haja vista a sua dispersão espacial, mas por criar condições para que houvesse uma maior integração entre as comunidades, tendo na Igreja uma referência de lugar. Obras como estradas, açudes, cemitérios, capela, pontes, foram resultados do trabalho dos padres em parceria com os fiéis, daí resultando uma relação de confiança e respeito entre eles, além de despertar no sertanejo a idéia de bem público que deveria ser preservado, afinal de contas era fruto de seu trabalho.

As Santas Missões marcaram para sempre o sertanejo, já que influenciaram de forma incisiva o surgimento de beatos e conselheiros, que, guiados pelo espírito itinerante e obreiro dos missionários, deram continuidade ao trabalho religioso, bem como as obras sociais nas localidades mais longínquas do sertão.

Muitos desses beatos carregavam consigo um exemplar daquela que seria a “bíblia” do sertanejo devoto, a obra *Missão Abreviada*, que em sua apresentação é muito clara em relação à importância das missões e da necessidade de se expandir o cristianismo de forma mais simples e eficiente através dos próprios fiéis, conforme advertência do autor:

Em qualquer povoação deve haver um Missionário, deixem-me assim dizer; este deve ser um Sacerdote de bom exemplo, e na falta d’lle qualquer homem ou mulher que saiba ler bem, e d’uma vida exemplar; e então com um d’estes livros deve fazer a Oração ao povo pelo menos nos mezes do inverno.
(COUTO, 1868: 7)

Não é para menos que dentre os herdeiros dos princípios das Santas Missões estejam dois dos maiores líderes religiosos que o Brasil conheceu: os Padres Ibiapina e Cícero. Em suas atuações nos sertões do Nordeste, eles punham em prática o que rezava a cartilha das Missões – oração e trabalho – não se importando com a origem dos fiéis, e sim com o destino que seria dado a cada alma cristã.

Padres Ibiapina e Cícero exerceram forte influência sobre os sertanejos do Nordeste, em destaque para os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Ceará do final do século XIX a primeira metade do século XX. Discutir religião no Nordeste sem inserir os dois é algo inconcebível, uma vez que deixaram uma grande herança espiritual e material junto à população, principalmente nos sertões.

Ibiapina deu continuidade às obras iniciadas pelos padres das Missões nos sertões do Nordeste, reaproximando a Igreja do povo através de suas ações, marcadas principalmente pela fundação das Casas de Caridade nas regiões mais carentes do sertão. As Casas de Caridade foram construídas em seis estados entre os anos de 1862 e 1883, serviram de orfanatos para meninas abandonadas e de escolas para as filhas de proprietários rurais e comerciantes locais. Com a atuação do padre Ibiapina o número de beatos e beatas nos sertões cresceu e, por isso, suas ações passaram a ser reproduzidas por aqueles que o seguiam. De acordo com Montenegro (2004: 63):

[...] O Padre Ibiapina, vivendo no sertão nordestino, lugar de exclusão e desprezo, veio levantar o ânimo dos mais necessitados. Convivendo com os mais pobres e, com a sua cultura, valoriza a riqueza do pobre e a soberania da sua cultura, ensinando a todos o Evangelho da Solidariedade.

O papel de Ibiapina enquanto sacerdote e sua atuação junto aos sertanejos exigem uma leitura criteriosa. Sua biografia revela uma trajetória de vida marcada por momentos difíceis, como a morte de sua mãe em 1823, quando ele tinha apenas 17 anos, conforme transcreve Hoornaert nas *Crônicas das Casas de Caridade*:

Desde o começo de minha vida que as desgraças me cercarão; meo Pai fuzilado pela política; meo Irmão disterrado, onde morrêo desgraçadamente; minhas Irmans, em tenra idade abandonadas em caza de parentes, derão ao meo espírito humano direção penoza, que aprendi a pensar seriamente na idade da juventude e com pendor sempre [p.183] para couzas penozas. Reconheço que esses revezes de minha vida explicão essa tendência do meo espírito, mas bem vejo que tudo isso he providencial, que assim dispois as coisas e o meu espírito para um fim que elle me creou. (HOORNAERT, 2006: 217-218)

Além dos problemas citados, acrescentam-se os conflitos com a cúpula da Igreja no Ceará, que não via com bons olhos as ações independentes do missionário.

Percebe-se, assim, o quanto a trajetória de vida do padre é instigante. É válido destacar um pouco da sua história para entendermos sua habilidade no trato com as questões sociais do sertão. Desde cedo Padre Ibiapina estabeleceu laços firmes com a elite política do seu estado, assim como ganhou desafeto dentro desse grupo. Essa capacidade de dialogar com os setores mais carentes da população ao mesmo tempo em que não rompia os laços com os segmentos que dominavam a sociedade, é um marco no percurso de Ibiapina. Isso sem falar de sua atuação como parlamentar, quando exerceu as atividades de Deputado Geral na Assembléia Geral da Nação, sendo o candidato mais votado para a legislatura de 1834-1837.

Segundo demonstra Hoornaert na introdução das *Crônicas*,

A vida do Padre Ibiapina (1806-1883) é fundamentalmente marcada por uma opção. Desde a infância ele fora predestinado a uma carreira honrosa: filho de um tabelião público, estudou desde cedo o latim (Jardim, CE, 1820) e as ciências eclesíásticas (Olinda e Recife, 1823-1825). Mais tarde iniciou o curso jurídico em Olinda (1825-1834) e formou-se bacharel em ciências sociais e jurídicas. Em 1835 já era juiz de direito e chefe de polícia em Quixeramobim. (HOORNAERT, 2006:20)

Estamos, portanto, diante de um personagem cuja biografia justifica sua capacidade criadora, mediadora de interesses e, acima de tudo, conhecedora dos problemas da região que vivia. Sua formação extremamente sofisticada foi importante para assegurar os canais de negociação e a capacidade de dialogar com todos os segmentos sociais, o que lhe garantiu êxito na realização de seu projeto social, que estava inserido em um contexto histórico de mudanças no mundo, como a Revolução Industrial, que afetou as relações de trabalho entre os países, principalmente os países periféricos, e provocou mudanças dentro da própria Igreja, como o processo de romanização.

Ibiapina foi um homem de seu tempo. Se não teve condições de pôr em prática uma política mais enérgica em relação às questões sociais enquanto ocupou cargos que lhe poderiam garantir tal ação, como quando exerceu a função juiz ou parlamentar,

encontrou no sacerdócio e na Igreja um meio de realizar seu projeto sócio-religioso e político.

Os princípios cristãos presentes nas Casas de Caridades de Ibiapina seguiam o mesmo pensamento das instituições laicas e eram agregados ao ensino das primeiras letras como forma de doutrinar as pessoas e, sobretudo, de conformar a população com a situação vivenciada. Dessa forma, ele agia como um mediador de interesses entre as elites dominantes e os setores mais empobrecidos da população.

O papel de Ibiapina como mediador dos interesses das classes antagônicas pode ser percebido nos estatutos das Casas de Caridade, presente na obra de Mariz (1942: 283-293), em seu capítulo 1º, artigo 2º: “Recebem-se nessas Casas as Orphans de 5 a 9 annos sendo pobres e desvalidas”. Ainda no estatuto consta o *Regulamento das pensionistas*, que traz informações relevantes sobre as Casas de Caridade:

Recebe-se pensionista de qualquer idade com tanto que não tenha moléstia contagiosa reconhecida inhabilitada para receber educação.

Os ramos de ensino são: primeiras letras, gramática portuguesa e todos os trabalhos manuaes próprios de uma senhora, como costura, bordados, tecidos, flores, &.

Pagaráo uma pensão. O preço da pensão é 10\$000 a 13\$000 mensaes, pagos em trimestres adeantados. (MARIZ, 1942: 283-293)

A partir disso percebe-se a fácil penetração do padre junto às camadas sociais abastadas, devido o respaldo que recebia dessas famílias, o que facilitou bastante o seu trabalho social. É bem verdade que o caráter social de suas obras é sustentado numa rígida doutrina e disciplina cristã, não existindo espaço para indagações e liberdade. O que predominava era o zelo pela obediência sem questionamentos, próprios da educação tradicional cristã.

Ibiapina era o pai espiritual das órfãs e das irmãs que administravam suas instituições e que seguiam cegamente suas recomendações. Essa liderança não se vê apenas sobre as mulheres, mas sobre todas as comunidades que ele percorria sertões adentro.

Assim como as beatas, existiam igualmente os beatos, que ajudavam na administração das casas. Eram eles que nos momentos de necessidade mendigavam nas cidades ajuda para a manutenção das casas. O beato tornou-se um elemento indispensável no processo de evangelização praticado por Ibiapina. Diante de um clero distante, esporádico e sacramentalizante, o beato é presente, contínuo e participante. Não tinha como eles não ocuparem os espaços deixados pelo clero regular nos sertões, como também não foi difícil a sua multiplicação, o que resultou na propagação das ações do Padre Ibiapina através de seguidores como Antônio Conselheiro – que, a exemplo do mestre, construía ou reformava junto com o povo açudes, capelas, cemitérios etc. – e o Padre Cícero Romão Batista. Ambos marcaram a história do país no final do século XIX e início do XX, não somente pelo aspecto religioso, mas também pelo envolvimento direto ou indireto em conflitos políticos e ações militares que levaram à morte milhares de sertanejos, como aconteceu em Canudos e Caldeirão.

Da mesma forma que Ibiapina, o Padre Cícero figura como uma grande autoridade da Igreja Católica nos sertões do Nordeste, em especial na região do Cariri cearense. Tendo sido ordenado em 1870, Cícero assumiu a capela de Nossa Senhora das Dores no distrito de Juazeiro em 1872 e fez dela um centro de peregrinação. Padre Cícero vivia muito próximo dos fiéis, se envolvia com seus problemas cotidianos, dividia com eles suas angústias, e esse comportamento foi significativo para consolidar sua liderança sobre os romeiros que se dirigiam ao Juazeiro em busca da proteção do padre.

A origem da relação do Padre Cícero com Juazeiro é algo intrigante. Num primeiro momento causa desconfiança e incredulidade, chega-se até a pensar que tudo aquilo não passou de uma farsa. Mas uma farsa montada por quem e para quem? A quem tanto interessava a permanência de Cícero naquele povoado a ponto de montar uma farsa para justificar, não a sua permanência, mas suas obras que ficaram para a posteridade?

O episódio do sonho narrado por Della Cava (1985: 26) em que Cristo apontou para os pobres e voltando-se inesperadamente para o jovem sacerdote estarecido ordenou: “E você, Padre Cícero, tome conta deles”, credencia o padre a uma trajetória missionária marcada por passagens que o levou a condição de “santo” ainda em vida.

Um dos aspectos que chama atenção em Juazeiro é seu caráter de autonomia frente ao Vaticano, ilustrado na arrecadação das doações dos fiéis cujo destino era determinado pelo Padre Cícero, e não, como de costume, pela diocese. Dessa maneira, Juazeiro vai se transformando não apenas num centro religioso, mas também numa referência política no sul do Ceará.

A liderança do Padre Cícero se amparava, igualmente, nas práticas do catolicismo popular predominantes na região, que contrastava com as propostas da Igreja romanizada. Os penitentes eram um exemplo desse catolicismo popular que fomentava o surgimento de beatos e beatas. A partir deles, formava-se uma legião de guerreiros da fé que dedicavam suas vidas a oração e a prática de benfeitorias na região do Juazeiro. Além dos penitentes devemos destacar o papel das irmandades religiosas, dentre elas a Legião da Cruz*, fundada em 1885. Na concepção de Della Cava (1985: 26), as irmandades religiosas formavam as estruturas políticas das causas dos dissidentes.

Catolicismo oficial, catolicismo popular, penitentes, irmandades, latifúndio, miséria, coronéis, cangaceiros, fiéis, vários são os agentes que constituem o espaço sagrado do Juazeiro. Some-se a tudo isso os elementos que norteiam a imaginação dos sertanejos, que viam no vale do Cariri a possibilidade de construção do Novo Mundo. É nesse universo religioso, e também violento, que se fortalece a figura de Cícero, “meu padim”, como era respeitosamente chamado pelos romeiros pobres e ricos: conselheiro, amigo, político bem-feitor, adversário implacável, coronel de batina, protetor de cangaceiros, adjetivos que até hoje estão presentes nas discussões que permeiam sua história.

Algumas ações do Padre Cícero se assemelhavam as de Ibiapina, como a criação do Patronato Agrícola do Juazeiro, conforme revela o telegrama abaixo:

Dia 17 Fev. 1931 – Dr. Oswaldo Aranha Ministro Justiça Rio.

Estando população este município empenhada conseguir fundação Patronato Agrícola Juazeiro já possuindo terreno doado Pe. Cícero Romão Batista invocamos indispensável apoio V. Ex^a junto Presidente Getulio Vargas

* Além da irmandade da Legião da Cruz, existia o Apostolado do Sagrado Coração de Jesus, a Confraria de São Vicente de Paulo, Confraria de Nossa Senhora das Dores, Santíssimo Sacramento e a do Precioso Sangue.

sentido ordenar trabalhos recebimento terreno aludido e construção orçada em 565.000\$000 conforme projeto, número 119 comissão financeira 20 Junho 1929. Respeitosas saudações Pe. Cícero Romão Batista. (MENEZES; ALENCAR, 1995: 137)

O documento é uma mostra da preocupação do Padre Cícero com a formação educacional das jovens caririenses. Vale ressaltar que o funcionamento do Patronato não seguia a mesma filosofia das Casas de Caridade, apesar disso demonstra o interesse do padre em contar no seu município com uma instituição educacional. Outro aspecto que se verifica no documento é a relação próxima que Padre Cícero mantinha com os diversos setores do governo.

Algumas atitudes tomadas pelo Padre Cícero lembram bastante Ibiapina, como os conselhos que dava a quem o procurava, que envolvia diversos problemas, a exemplo as questões conjugais:

Juazeiro 3 de Julho de 1931 – Prefeito Riacho Sangue.

Peço amparar causa Raimunda Balduina desonrada José Saldanha, resolvendo com justiça que for possível. Deus o recompensará.

Pe. Cícero. (MENEZES; ALENCAR, 1995: 145)

Ademais, ainda aconselhava sobre outros assuntos como compra e venda de animais, propriedades e até conflitos provocados por dívidas. Seu papel ia além de conselheiro, participava ativamente nas reformas de capelas, construção de muros de cemitérios ou no encaminhamento de romeiros desempregados para as propriedades rurais da região, bem como na orientação para alguma atividade profissional, como comércio, indústria, artesanato.

Além das correspondências do Padre Cícero, nas quais podemos constatar intervenções do padre em favor da população e do próprio município, o seu testamento também nos dá uma dimensão de sua atuação, mostrando o direcionamento dado a parte das receitas que recebia, segundo trecho abaixo:

Os dinheiros que tenho recebido para mandar celebrar missas conforme a intenção das pessoas que me têm dado, os tenho distribuído com maior

critério, por intermédio dos Padres e Vigários desta e de outras Dioceses e de algumas Instituições Religiosas do País e do estrangeiro. (MACHADO, 2001: 49)

Essa postura de Padre Cícero também não viria a agradar a cúpula da Igreja, haja vista, como foi mencionado anteriormente, seu caráter independente em relação à diocese e a Roma. Cícero atraiu para si as atenções, não só dos romeiros que iam a Juazeiro em busca de proteção e dos conselhos do padrinho, mas também da classe política do Cariri, que via nele um meio capaz de intervir nas disputas pelo poder entre grupos dissidentes, de modo a evitar o enfraquecimento da região. Sua influência sobre a população do Juazeiro garantia certa harmonia entre esses grupos.

Assim como fizera Ibiapina, Cícero também ocuparia cargo político. Ele foi prefeito de Juazeiro após sua emancipação, ainda que não desejasse como declara na seguinte passagem:

Nunca desejei ser político; mas, em mil novecentos e onze (1911), quando foi elevado o Juazeiro, então povoado, à categoria de Vila, para atender a insistentes pedidos do então Presidente do Estado, o meu saudoso amigo Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly; e, para evitar, ao mesmo tempo, que outro cidadão, na direção política deste povo, por não saber ou não poder manter o equilíbrio da ordem até esse tempo mantido por mim, compromettesse a boa marcha desta terra, vi-me forçado a colaborar na política. Apesar das bruscas mutações da política cearense, sempre procurei conservar-me em atitude discreta, sem apaixonamentos, evitando sempre as incompatibilidades que pudessem determinar choques de efeitos desastrosos. (MACHADO, 2001: 51, grifo nosso)

Em seu testamento Cícero justifica sua atuação na política, mesmo contra sua vontade, como uma necessidade de garantir a ordem na região por meio do controle “deste povo”, já que outro político não teria tal capacidade. O que chama atenção nesse trecho é o fato dele nunca ter desejado ser político, mas ter atuado como prefeito. Diante disso, fica a interrogação: como atuar na política e não ser político?

A atuação política de Padre Cícero merece uma abordagem mais cautelosa, visto que se vivia num momento histórico marcado pelo coronelismo e pelas práticas do

clientelismo. Para isso, se faz necessário buscar algumas referências em cima de estudos clássicos sobre a temática, como Queiróz (1976), Leal (1978) e Faoro (1998), para podermos entender a vida política do padre.

A dupla atuação como sacerdote e prefeito, unindo a religião e a política, pode ser entendida a partir da necessidade, como o próprio Cícero afirma, de garantir o “equilíbrio da ordem” para a cidade que ele fundou. Cidade esta que se transformou no espaço de acolhimento dos carentes, e sendo Cícero o seu protetor, seria coerente lhes garantir apoio espiritual e material. Para atingir tal objetivo, nada como tê-lo à frente das decisões do município. Dessa forma, Padre Cícero, seguindo os passos de seu predecessor Ibiapina, agia com habilidade e penetrava com facilidade no interstício do poder, garantindo apoio para a sobrevivência daqueles que lhes foram entregues por Cristo, a fim de que ele tomasse conta.

Ibiapina e Cícero criaram mecanismos de proteção às camadas carentes do sertão, contando ambos com o apoio das elites locais. Salienta-se que este apoio era muito mais para garantir o equilíbrio da ordem política do que para proporcionar igualdade social. Os dois também criaram meios de se resguardar e difundir junto aos fiéis seus ensinamentos.

As práticas dos missionários das Missões, percebíveis nas obras dos carismáticos Ibiapina e Cícero, foram igualmente reproduzidas entre outros líderes religiosos. Estes, seguindo os preceitos de seus mestres, adotaram a itinerância religiosa associada às ações materiais e criaram nos sertões comunidades que se tornaram verdadeiros paraísos terrestres, onde os fiéis podiam viver em torno dos ensinamentos de Cristo ao mesmo tempo em que se viam distantes dos problemas cotidianamente enfrentados pelos sertanejos.

Oração e trabalho associado à devoção foram as marcas do cristianismo praticado nessas comunidades no Nordeste do Brasil e que gerou tanta polêmica no interior da cristandade. A força da devoção faz com que o cristianismo praticado no Brasil tenha um caráter diferenciado do europeu – que é mais comedido e enclausurado, assim como eram boa parte dos padres. O cotidiano das pessoas estava mais presente na vivência espiritual, bem como os padres brasileiros adeptos da prática devocional.

Vale salientar que essa conduta cristã no Brasil foi influenciada pelo movimento da “*Devotio Moderna*” (devoção moderna) iniciada no século XIV na Flândria (Países Baixos) e que se espalhou logo em seguida por toda a Europa cristã. A proposta era simples, afastar-se da erudição e enclausuramento monástico e respirar o mesmo ar do povo, viver seus problemas, compartilhar de suas alegrias e tristezas, viver em comunhão com o povo de Deus.

Os adeptos da “*Devotio Moderna*” não faziam distinção entre clero e leigo ou o oratório na casa do fiel e na Igreja. Para eles, ambas se constituíam em espaços sagrados, lugares de devoção, harmonia e comunhão comunitária cristã, sejam elas praticadas por negros, brancos, índios ou mestiços; enfim, era o típico “cristianismo moreno”.

Oração, trabalho e devoção, esse é o tripé que deu sustentação às atividades desenvolvidas em Canudos e no Caldeirão. Liderados respectivamente por Antônio Conselheiro, adepto do Padre Ibiapina, e pelo beato José Lourenço, afilhado e fiel seguidor do Padre Cícero Romão Batista, que teria sido um continuador das obras de Ibiapina.

Podemos perceber pela influência religiosa sofrida pelos dois líderes uma extensão das práticas das Santas Missões e da “*Devotio Moderna*”: da primeira, herdou-se o ato de peregrinar; e da segunda, o caráter devocional – ambas características do “cristianismo moreno”. Podemos, ainda, acrescentar o caráter penitencial dos rituais, representado pelo apelo ao sofrimento do corpo, tal qual Cristo, que foi martirizado e humilhado. Na verdade, esses rituais são uma representação da própria vida levada pelos sertanejos, abandonados à própria sorte pelo Estado e pela Igreja.

Antônio Conselheiro percorreu os sertões do Ceará até a Bahia, pregando o evangelho e fazendo aquilo que as Santas Missões fizeram com tanta propriedade, como aconselhava a Missão Abreviada: “qualquer homem ou mulher que saiba ler bem, e d’uma vida exemplar; e então com um d’estes livros deve fazer a Oração ao povo” (COUTO, 1868: 7). O Conselheiro tinha, portanto, todos os predicados para levar aos fiéis o evangelho e unia os seus anseios aos anseios das populações carentes do Nordeste. É importante destacar que essa carência não era apenas de bens materiais, mas, sobretudo, de alívio espiritual, paz interior, de fortalecer a sua crença num mundo

melhor. Isso foi sendo gradativamente alcançado, dia após dia, em cada parede erguida de uma capela, em cada cemitério ou açude construído, via-se ali o resultado de uma ação movida pela fé em Deus.

A postura de Antônio Conselheiro está longe de ser típica de um fanático. Em suas prédicas deixava claro o tipo de Igreja que representava, “revela em suas homilias e sermões uma visão teológica consistente com os ensinamentos da Igreja oitocentista” (LEVINE, 1995: 275), demonstrava lucidez e conhecimento das sagradas escrituras e sabia envolver o público assistente com uma oratória eloqüente, não se afastando nunca de seu papel de evangelizador e conselheiro.

Assim como seu predecessor, o Conselheiro assumiu o compromisso com os pobres, ensinando-lhes o sentimento da caridade, daí as inúmeras obras deixadas pelas cidades e povoados em que passou. Otten (1990: 380) afirma em sua obra que:

O Conselheiro é homem simples, provém do povo. Do seu carisma profético e de sua vita apostólica nasce um projeto escatológico de uma vita communis de estruturas simples, mas eficazes, nos moldes da convivência da Igreja primitiva. Ele não faz a tentativa de reorganizar a sociedade sertaneja. Conselheiro não tem nenhuma ascendência sobre as elites que o ridicularizam; dirige-se aos pobres. É, desse modo que ele realiza um êxodo. Segundo a sabedoria evangélica popular, que é melhor servir a Deus do que ao tirano.

O seu projeto de comunidade não tinha como objetivo romper com a ordem vigente, e sim garantir um espaço para que os fiéis vivessem em harmonia com o trabalho, a oração e a devoção, uma nítida proposta de viver na beatitude. E foi a partir do discurso de que a vida na terra se constituía num teste, numa verdadeira penitência antes de se alcançar a vida eterna e que Canudos seria o espaço sagrado para estar mais próximo de Deus, já que na visão profética do Conselheiro não se podia esperar um futuro mais longo, pois os sinais do tempo apontavam para a proximidade do juízo final, que milhares de famílias sertanejas seguiram rumo àquela que seria em vida o paraíso terrestre.

Assim como os índios no Período Colonial seguiam seus caraíbas em busca da Terra sem Mal, onde viveriam eternamente ao lado de seus ancestrais, na terra que

“jorrava leite e mel”, os sertanejos do Nordeste seguiam seu Conselheiro rumo ao seu Paraíso cristão, lugar que prevaleceria o respeito mútuo, a moral e os bons costumes e, acima de tudo, a crença no discurso da salvação da alma.

Não muito longe de Canudos, ao Sul do Ceará, situa-se Juazeiro do Norte, cidade que se tornou um centro de aglomeração de romeiros oriundos de várias partes do Nordeste em busca dos conselhos do Padre Cícero e solução para os mais diversos problemas que enfrentavam no dia-a-dia, desde a simples venda de um bezerro, passando por questões de saúde, estiagens, até brigas de casais. Tudo era motivo para que as pessoas seguissem em romaria à terra do Padre Cícero, seja para pedir ou agradecer alguma graça alcançada com a Nossa Senhora das Dores por intermédio do referido padre.

É nesse clima de intensa religiosidade que chegou a Juazeiro, oriundo da Paraíba, José Lourenço. A procura de sua família, que havia migrado para o Cariri antes dele, aproximou-se do Padre Cícero, a quem tomou como líder espiritual e conselheiro. Ele viveu intensamente o ambiente dos beatos, das irmandades, dos penitentes, até se tornar um deles, vivendo exclusivamente de oração e trabalho, como tantos outros que buscavam respostas para seus problemas ou alternativas para suas vidas.

Mais uma vez estamos diante de um cristianismo relegado a um segundo plano se tomarmos como referência as crônicas de viajantes estrangeiros do início do século XIX: “Os viajantes não conseguem reencontrar aqui o modelo da religião bem ordenada e alinhada que conhecem nas suas terras de origens” (HOORNAERT, 1990: 19). Na visão dos estrangeiros, o cristianismo praticado no Brasil não poderia ser levado a sério, faltava-lhe disciplina e ordenação, tal qual eles eram habituados.

Anteriormente vimos a herança deixada pelas Santas Missões e pela “*Devotio Moderna*”. Se o caráter itinerante marcou profundamente as ações dos padres do Século XIX, não podemos deixar de lembrar que o trabalho missionário de Padre Cícero é contemporâneo ao de Conselheiro em Canudos e que a região do Cariri foi palco de atuação ampla de Padre Ibiapina, o que implica numa relação direta entre as duas cidades, embora os projetos de seus líderes não fossem os mesmos.

Fazendo essa ponte entre Canudos e Juazeiro, podemos inserir a figura de José Lourenço, não mais como um simples beato, mas como homem de confiança do Padre Cícero e responsável por algumas ações sociais do padre.

Após sua chegada a Juazeiro e seguindo os conselhos do padre, José Lourenço arrenda uma propriedade chamada sítio Baixa Dantas. Desenvolve a agricultura, sem se descuidar de suas atribuições de beato, acolhe em sua casa pobres e necessitados que se dirigem a região em busca de ajuda e de conselhos do Padre Cícero. Nesse meio tempo, ele envolveu-se em polêmicas como o caso do boi mansinho, no qual é acusado de venerar e propagar milagre atribuído ao animal de propriedade do Padre Cícero. Esse episódio culmina com a prisão do beato e a morte do animal em praça pública. Aos poucos, José Lourenço vai se tornando uma liderança na região e respeitado pelos fiéis. Sua história de vida ganha outra dimensão quando é pressionado pelo proprietário João de Brito a deixar o sítio Baixa Dantas com urgência, uma vez que o mesmo fora vendido. José Lourenço se retira sem receber nenhuma indenização pelas benfeitorias deixadas no sítio. Diante disso, é enfim encaminhado pelo Padre Cícero para um sítio de sua propriedade chamado de Caldeirão dos Jesuítas. Segundo a história regional, esse nome é uma referência a dois padres jesuítas que teriam se refugiado no local durante a expulsão da Ordem pelo Marques de Pombal em 1759 e ali teriam falecido[†]. No Caldeirão, José Lourenço funda uma comunidade cujos registros oficiais e as notícias veiculadas pela imprensa tinham algumas semelhanças com Canudos na Bahia.

O sítio tinha cerca de 900 hectares, localizava-se na Serra do Araripe, distante aproximadamente 35 quilômetros da cidade do Crato, tinha como característica “uma topografia acidentada e muito pedregoso, cortado por vários grotões, sem nenhuma baixada, mas todo de terrenos ótimos para plantação de cereais e algodão” (FIGUEIREDO, 1934: 08).

Se os rituais, as devoções e o discurso da salvação aproximam as duas comunidades – Caldeirão e Canudos – podemos identificar algumas diferenças tanto em seus líderes quanto na própria convivência em comunidade. Antônio Conselheiro, antes de se fixar às margens do rio Vaza Barris na Bahia e fundar Canudos, percorreu várias

[†] Não tivemos acesso a documentação escrita que viesse comprovar a informação, apenas narrativas orais de pessoas que vivem na região.

idades do sertão nordestino evangelizando e construindo ou reformando em mutirão capelas, cemitérios, açudes, estradas, enfim, obras que beneficiavam as comunidades visitadas, repetindo, dessa maneira, a experiência do Padre Ibiapina.

No caso do Beato José Lourenço, mesmo não tendo sido um peregrino, um missionário itinerante pelo Nordeste afora, suas obras – restritas aos limites geográficos do Caldeirão, como a construção de uma capela, açudes e engenhos, as atividades de carpintaria, marcenaria, a produção de artigos de flandres, como copos, panela, baldes, e de cerâmica, a além da ampla atividade agrícola e da pecuária voltadas para atender às necessidades da comunidade – não excluía a possibilidade de ajudar a qualquer família que se dirigisse ao Caldeirão. Um exemplo da extensão de suas ações de caridade ocorreu com o socorro dado às vítimas da seca de 1932 que procuravam abrigo no Caldeirão.

Em seu artigo *Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas*, Neves (2001: 4-5) nos dá uma dimensão do problema enfrentado pelos sertanejos do Nordeste, em especial do Ceará, com a seca de 1932 e nos relata como o Estado interferiu criando um programa de auxílio às vítimas:

Assim, um amplo programa de criação de campos de concentração, em que os retirantes fossem induzidos a entrar e proibidos de sair, foi implementado com total apoio da Interventoria Federal no Ceará. A fim de prevenir a "afluência tumultuária" de retirantes famintos a Fortaleza, cinco campos localizavam-se nas proximidades das principais vias de acesso à capital, atraindo os agricultores que perdiam suas colheitas e se viam à mercê da caridade pública ou privada. Dois campos menores situavam-se em locais estratégicos de Fortaleza, conectados às estações de trem que traziam os famintos, impedindo que eles circulassem livremente pelos espaços da capital. Uma vez dentro do campo, o retirante era obrigado não só a permanecer nele durante todo o período considerado de seca, mas deveria submeter-se a condições de moradia, relacionamento, trabalho e comportamento regulados pelas normas irredutíveis ditadas pelos dirigentes indicados pelo interventor – prefeitos nomeados e engenheiros do IFOCS. Os campos, portanto, pretendiam impedir a mobilidade física e política dos retirantes através da concessão de rações diárias e de assistência médica. O controle dessa imensa população – o maior campo, na cidade do Crato, chegou a abrigar quase 60 mil pessoas – representou um gigantesco esforço de organização, que tinha seu contraponto nas ações violentas das

multidões de retirantes que ameaçavam tomar em suas mãos a resolução de suas aflições.

É importante destacar nesse contexto de tragédia vivido pelos sertanejos e de ineficiência do programa do governo a existência do Caldeirão na mesma região do maior campo de concentração criado no Estado do Ceará, o da cidade do Crato. O sítio administrado pelo beato recebia diariamente centenas de famílias provenientes de outras regiões do estado e até de estados vizinhos e, conforme Figueiredo (1934: 13),

O beato José Lourenço sustentou durante os 23 meses da seca última, além do pessoal que com êle vive de ordinário [...] mais de 500 pessoas que recorreram a sua municante ação.

Para levar a cabo essa tarefa de um filantropismo tão fora do comum, de uma tão invulgar benemerência, ele gastou grandes depósitos de cereais que tinha em Caldeirão e toda a farinha produzida em 600 tarefas de mandioca de sua cultura na Serra do Araripe, a qual vendida ao preço que logrou daria uma bela fortuna.

Fornecia uma única refeição diária, mas somente nesse jantar eram empregadas 5 quartas de farinha, ou seja, 400 litros.

As vítimas da seca que se dirigiram ao Caldeirão dispunham de uma estrutura bem melhor das que viviam nos campos do governo. Não encontramos informações sobre vítimas fatais entre as que foram socorridas pelo beato, ao passo que no “Curral do Buriti”, como ficou conhecido o campo da cidade do Crato, era fato corriqueiro, segundo Ramos (1991: 79):

O Curral do Buriti era constituído de ruas formadas pelo alinhamento de palhoças que os flagelados faziam para se abrigarem no interior do campo. O Buriti chegou a ter milhares de flagelados vivendo (e morrendo) em condições indescritíveis. Certas áreas ficavam com um forte cheiro de fezes provenientes da diarreia que se alastrava por toda a parte.

A experiência vivida no Caldeirão serviu para que muitas famílias que foram socorridas pelo beato permanecessem no sítio, propiciando um crescimento da

comunidade mesmo com a seca. As informações divulgadas pela historiografia regional e através da tradição oral dão conta do morticínio que marcou os referidos campos, ao contrário, como já foi mencionado, do Caldeirão. A comunidade manteve-se firme na sua estrutura de funcionamento, sempre priorizando as práticas comunitárias e a união em torno dos princípios cristãos, com muita oração, trabalho e devoção, conforme os ensinamentos do Padre Cícero, seguidos fielmente pelo beato.

Diferente de Canudos, no Cadeirão não existia circulação de moeda, bem como comércio interno. Não existia também divisão social, apesar de haver divisão de trabalho entre homens e mulheres. Quando não se estava trabalhando, estava rezando. As regras eram estabelecidas pelo beato e aceitas por todos, assim como em Canudos.

Se em Canudos os fiéis seguiram o seu líder espiritual Antônio Conselheiro, peregrino dos sertões, que arrebatava multidões por onde passava, o que teria levado centenas de famílias a se dirigirem ao Caldeirão? Qual a referência que eles tinham para aceitar a comunidade do beato como espaço sagrado e legitimador de sua salvação?

O trabalho de evangelização desenvolvido nos sertões ocorria, na maioria das vezes, através de leigos que na condição de penitente renunciavam a vida sedentária em troca da vida nômade pelos sertões. Esses “missionários”, ao contrário da maioria dos fiéis, detinham um conhecimento básico das Sagradas Escrituras, uma vez que dispunham de obras voltadas para a compreensão simples da Bíblia, como é o caso da já citada *Missão Abreviada*, além d’*As Horas Marianas* e a *Imitatio Christi* (Imitação de Cristo) – manuais muito comuns entre os sertanejos e que serviam como livros de orientação para a vida cotidiana.

Para Marques (2003: 25-26), Severino Tavares foi a figura de maior destaque no trabalho missionário junto aos fiéis que migravam de outras regiões e estados para o Caldeirão. O autor relata que:

Severino, dada sua condição de comboieiro alfabetizado e leigo religioso independente, tornou-se o primeiro elemento, ligado ao Movimento Religioso do Juazeiro, a efetuar atividade proselitista fora das fronteiras regionais caririenses, espargindo sua singular devoção “moderna” por diversas partes do Nordeste.

Seu público destinatário era especialmente o camponês. Ao anoitecer, ao chegar a um “sitio” e pedir abrigo, depois de suas práticas habituais de

comércio, aproveitando-se da hospitalidade, qual embaixador religioso, Severino Tavares falava sobre “passagens do Evangelho”, mensagens e milagres do Padre Cícero, sobre o final dos tempos, sobre o Beato José Lourenço e os sítio Caldeirão e sobre a possibilidade de se alcançar a vida santa mesmo aqui na terra como leigo, através de uma vida de trabalho e oração, que podia ser vivenciada quotidianamente tanto dentro do casamento religioso, quanto por solteiros celibatários, junto da comunidade.

Existem duas versões acerca da origem de Severino Tavares. A primeira é a do Sr. Camilo Lobo em entrevista citada por Holanda (1997: 35): “afirma que Severino chegou ao Caldeirão depois da Revolta de Natal, ao lado de muita gente. Diz que era sargento (ou soldado) do Exército naquela cidade”. A segunda, colhida em entrevista junto a Sandro Valério Leonel Tavares, bisneto de Severino. O mesmo nos informa que seu bisavô “nasceu no município de Cabaceiras/PB, em 19/12/1885, era comboieiro, sendo por muito tempo responsável pelo transporte de insumos do porto de Recife/PE para João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba, além dessa atividade também era proprietário de duas fazendas no seu Estado natal. Fixou residência em Juazeiro após se envolver em alguns problemas com a polícia daquele Estado”, por volta de 1924. Em 1926 por intermédio do Padre Cícero conheceu o beato José Lourenço e a comunidade do Caldeirão, vindo a se tornar um dos personagens principais dessa epopéia religiosa, tornando-se o elo entre o Arraial do Caldeirão e a população sertaneja. Suas pregações, cercadas de benditos, ladainhas e conselhos, aguçava a curiosidade de uns e afluía a religiosidade de outros, que inebriados pelo contagiante discurso de Severino Conselheiro – como também era conhecido entre as famílias sertanejas – decidiam dar novos rumos à sua vida, migrando para o Caldeirão e passando a ter uma vida de trabalho e oração na expectativa de alcançar, ainda em vida, a tão sonhada “vida santa”.

O Caldeirão é interpretado pelo sertanejo através do discurso de Severino como a Terra Prometida, a terra da salvação, por isso que o convite feito pelo conselheiro para que eles fossem ao Juazeiro e depois ao Caldeirão era recebido em tom de profecia. Em seu discurso, o conselheiro unia a salvação da alma, os milagres do Padre Cícero e a vida em comunidade no Caldeirão. Se usasse apenas o nome do padre de Juazeiro, já seria argumento suficiente para que centenas de sertanejos se deslocassem para o Cariri, pelo respeito e admiração de que gozava o referido padre. Em suas andanças, Severino

Conselheiro sempre se apresentou como um fiel seguidor do Padre Cícero e do beato José Lourenço, informação confirmada nos relatos obtidos junto aos contemporâneos. Muitas famílias seguiram para o Juazeiro e de lá para o Caldeirão, e não voltaram mais às suas terras de origem. Alguns que dispunham de bens em suas cidades, como gado, cavalos, pequenos sítios, chegavam a vender ou deixavam sob a responsabilidade de um parente para se dedicar a uma vida de penitência e beatitude ao lado de tantos outros sertanejos no Caldeirão.

Assim como Antônio Conselheiro, o beato José Lourenço era mais do que uma liderança religiosa, representava para aquelas famílias um exemplo de cristão a ser seguido e, apesar de ser a mais alta autoridade religiosa da comunidade, não reclamava para si os mesmos direitos dos padres. Sempre teve na figura do Padre Cícero o seu referencial religioso e moral, como o próprio afirmava, estava ali à serviço do seu padrinho e todos tinham que obedecer aos ensinamentos dele. Essa conduta de respeito e obediência aos mandamentos da Igreja lhe valia certa confiança por parte do clero, que não viam em suas pregações nenhuma ameaça à ordem estabelecida.

Portanto, estamos diante de duas lideranças que deixaram suas marcas na trajetória histórica da Igreja Católica no Brasil, em especial no Nordeste. Numa visão Weberiana, Antônio Conselheiro e José Lourenço podem se inserir no tipo de dominação carismática, uma vez que “o carisma é uma qualidade pessoal considerada extra cotidiana e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes [...] ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como *“líder”*” (WEBER, 1994: 158-159) – qualidades que identificamos nos relatos dos remanescentes do Caldeirão e nas obras sobre Canudos em relação aos seus líderes.

Diante disso, como podemos compreender reações tão violentas por parte da Igreja e do Estado contra essas duas comunidades a ponto de provocar milhares de mortes e desabrigar outras centenas de famílias senão a partir das propostas de romanização da Igreja no Brasil e o temor por parte das autoridades políticas do país que esses dois movimentos viessem a ameaçar as estruturas vigentes? Em se tratando de Canudos, a ameaça era o retorno da monarquia, e do Caldeirão, a implantação do comunismo, argumentos amplamente aceitos pela sociedade “civilizada” e elitista da época.

A reação da Igreja e do Estado contra Canudos e Caldeirão pode ser compreendida por meio de uma abordagem a respeito dos contextos históricos em que ocorreram os fatos. Mesmo que o tempo que separa uma tragédia da outra seja de quarenta anos, no caso da Igreja, é possível fazer uma ponte ligando um episódio ao outro, uma vez que o argumento que justifica a reação se insere dentro da proposta de romanização da instituição. A muito que o Vaticano tentava frear o “cristianismo moreno” existente no Brasil. Para Hoornaert, a interpretação do Vaticano em relação ao cristianismo na América Latina não deixava dúvidas sobre as ações necessárias para corrigir os erros do passado, isso porque “é a terra por excelência do erro pagão a ser conduzido à verdade católica. O cristianismo da América Latina – se é que existe – é irregular e vive fora do comum” (HOORNAERT, 1990: 132).

Dessa forma, que outra compreensão poderia ter senão a de que Canudos era um exemplo nítido de uma anomalia cristã que deveria sofrer uma forte interferência como forma de evitar a expansão dessa experiência nefasta para outras regiões? A barbárie dos sertões deveria ser combatida pela racionalidade civilizatória e os costumes nativos substituídos pela verdadeira doutrina cristã.

Esse cenário político-religioso que nos deparamos em Canudos no final do século XIX irá se estender ao longo da primeira metade do século XX. Na década de 1930, quando a Igreja ainda não tinha consolidado seu projeto de romanização, se depara com uma situação que se assemelha a Canudos no que diz respeito ao “erro pagão”. Primeiro na figura do Padre Cícero e o milagre da beata, e como complicador, após a sua morte, a ascensão de uma nova liderança religiosa no Cariri, desta vez um beato discípulo do Padre Cícero que transformou um sítio abandonado, cuja “topografia era acidentada e muito pedregosa”, numa próspera comunidade que vivia sustentada nos princípios cristãos, alimentados pela fé, oração, devoção e trabalho.

Não demoraria muito para que a Igreja tomasse a iniciativa abrupta de destruir aquele ambiente de profanação e fanatismo, como era visto pelas autoridades a comunidade e seu líder, mostrando aos verdadeiros fiéis o destino que seria dado a todo e qualquer projeto que fugisse da proposta reformadora da Igreja. O cristianismo no Brasil deveria seguir as orientações do Vaticano e eliminar todo e qualquer resquício da mestiçagem até então aceita pelo clero regular no Brasil.

Se para a igreja era preciso acabar com as estruturas coloniais ainda vigentes no seio da cristandade, para o Estado e as elites agrárias significava um ato de salvação nacional e de avanço rumo à civilização eliminar qualquer movimento que representasse alguma ameaça à estrutura social vigente.

Canudos e Caldeirão representavam, nesse contexto, sinônimo de atraso e de barbárie, anomalias que precisavam ser extirpadas de uma nação que pretendia mostrar ao mundo que caminhava a passos largos rumo ao progresso e à modernidade. No primeiro caso era preciso consolidar a República recém instaurada e aniquilar qualquer ameaça monarquista, por isso o Estado não tardou em demonstrar seu poder através de seu mais influente instrumento de repressão – o exército, que após várias batalhas destruiu e matou milhares de sertanejos taxados de fanáticos e monarquistas. No segundo caso a ameaça era vermelha. As autoridades civis e militares insistiam em ver no Caldeirão uma experiência de comunidade pautada no marxismo e que seus líderes eram verdadeiros representantes da “tirania” moscovita. Assim como ocorreu na Bahia, era preciso destruir a semente da discórdia que se plantava no seio de uma sociedade ordeira que caminhava a passos largos rumo à civilização. A aliança entre o alto clero católico cearense com o Estado causou a invasão e destruição do Caldeirão, resultando em mortes e expulsão de centenas de famílias que haviam adotado a comunidade e os ensinamentos de seu líder como princípio de vida.

REFERÊNCIAS

ANSELMO, Otacílio. 1968. *Padre Cícero – mito e realidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

CORDEIRO, Domingos Sávio de Almeida. 2004. *Um beato líder: narrativas memoráveis do caldeirão* – Fortaleza/ Universidade federal do Ceará.

COSTA, Homero de Oliveira. 1995. *A insurreição comunista de 1935: Natal, o primeiro ato da tragédia*. São Paulo: Ensaio; Rio Grande do Norte: Cooperativa Cultural da UFRn.

COUTO, Pe. Manoel José Gonçalves. 1868. *Missão Abreviada*. 6ª edição. Tipografia de Sebastião José Pereira, Editor, Porto, Portugal.

CUNHA, Euclides da. 1975. *Os Sertões*. 2 Ed. São Paulo, Cultrix/MEC.

DELUMEAU, Jean. 1989. *Nascimento e afirmação da Reforma*. Tradução de João Pedro Mendes. – São Paulo: Pioneira.

- DELLA CAVA, Ralph. 1985. *Milagre em Joazeiro*, 1985, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra.
- FAORO, Raimundo. 1998. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. – 13.^a Ed. – São Paulo: Globo. vols. 1 e 2
- FIGUEIREDO, José Alves de. 1934. *Artigo publicado em O POVO*. Edição de 07 de junho de 1934.
- HOLANDA, Firmino, 1997. *Nos tempos do Caldeirão*. In: Cadernos do CEAS. Salvador-Ba.
- HOORNAERT, Eduardo. 2006. *Crônicas das Casas de Caridade: fundadas pelo Padre Ibiapina*. – Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará.
- KEMPIS, Tomás de. 1979. *Imitação de Cristo*. Tradução revista e prefácio por Paulo Matos Peixoto. Editora Paumape, São Paulo.
- LE GOFF, Jacques. 2001. *São Francisco de Assis*. 4^a Ed. Rio de Janeiro: Record.
- LEAL, Victor Nunes. 1978. *Coronelismo, enxada e voto*. 4. Ed. São Paulo: Editora Alfa Ômega.
- LEVINE, Robert M. 1995. *O Sertão Prometido: O Massacre de Canudos no Nordeste Brasileiro*. Tradução Mônica Dantas. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- MACHADO, Paulo de Tarso Gondim. 2001. *Padre Cícero entre os Rumores e a Verdade: O Inventário do Padre Cícero Romão Batista – textos e documentos*. Fortaleza: ABC Editora.
- MARIZ, Celso. 1942. *Ibiapina – Um apóstolo do Nordeste*. Publicações: A União Editora.
- MARQUES, Francisco Wellington. 2003. *Mistérios Gozosos; da transformação do imaginário sertanejo no cariri ao surgimento da irmandade da santa cruz do deserto (do século XIX ao XX)* monografia apresentada ao curso de especialização em História do Brasil, da Universidade Regional do Cariri-URCA. Crato, Ceará.
- MENEZES, Fátima e ALENCAR, Generosa. 1995. *DOSSIÊ CONFIDENCIAL. Padre Cícero e Floro Bartolomeu*. Brasília.
- MONTENEGRO, F. Pe. 2004. *Fé em Canudos*. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora.
- NEVES, Frederico de Castro. 2001. *Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas*. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 21, n. 40, 2001 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882001000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27/10/2009 doi: 10.1590/S0102-01882001000100006.
- OTTEN, Alexandre. 1990. *Só Deus é grande: a imagem religiosa de Antônio Conselheiro*. São Paulo: Loyola.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. 1976. *O mandonismo local*. São Paulo: Alfa Ômega.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. 1991. *Caldeirão* – Fortaleza: Eduece,
- WEBER, Max. 2004. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*: tradução José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo Antônio Flávio Pierucci. - São Paulo: Companhia das Letras.